

# VI Congresso Internacional de Ensino da Matemática



ULBRA - Canoas - Rio Grande do Sul - Brasil

16, 17 e 18 de outubro de 2013

Relato de Experiência



## CONGRUÊNCIA DA IN(EX)CLUSÃO SOCIAL NO AMBIENTE ESCOLAR

**Fábio Carpes Leão<sup>1</sup>**

**Suelen Assunção Santos<sup>2</sup>**

### Educação Matemática e Inclusão

#### Resumo:

No contexto do ambiente escolar, por meio da metodologia da observação, esse trabalho mostra alguns comportamentos, habilidades e noções de aprendizagem de crianças com Síndrome de Down. Podemos verificar que embora muitos dizem não ter preconceitos, o que os condena são os comportamentos intolerantes que afetam o crescimento psicológico, cognitivo e social da criança com necessidade educativa especial.

**Palavras Chaves:** Social. Inclusão. Exclusão. Educação. Matemática.

### INCLUSÃO E EXCLUSÃO SOCIAL

“A EDUCAÇÃO TEM RAÍZES AMARGAS, MAS OS SEUS FRUTOS SÃO DOCES”

(Aristóteles)

Todos nós somos capazes de nos expressar de alguma forma. Para isso, precisamos ter alguns “dons”: Pensamento, conhecimento, raciocínio e atitude. Mas ainda sim devemos considerar como se esse estivesse em função do estímulo familiar, auxílio daqueles que nos rodeiam, ensinamentos daqueles que nos amam e que convivem conosco.

<sup>1</sup> Graduando em Matemática Licenciatura. CESUCA – Faculdade Inedi. fabioleao2009@hotmail.com

<sup>2</sup> Doutoranda em Educação – PPGEDU/UFRGS. CESUCA – Faculdade Inedi. suelenassuncao@yahoo.com.br

Hoje em dia, fala-se muito em generalizar a capacidade mental das pessoas, que todos são iguais, todos são inteligentes e tudo mais, mas se pararmos para analisar perceberemos que é tudo da boca pra fora. Antigamente a sociedade era mais sincera, o preconceito era visível com pessoas ditas anormais por estarem fora do padrão. Muitos achavam que as partes do corpo de um albino, por exemplo, tornariam os indivíduos “normais” ricos, mas, além disso, porque foi criado esse padrão do formato de um ser humano, a cor, o modo de vestir, enfim, ideias insignificativas que prejudicam cada vez mais as relações sociais. Veiga-Neto (2001) diz:

Se nos incomoda até mesmo a palavra *anormal* é porque sabemos – ou, pelo menos, “sentimos” – que o seu sentido moderno gestou-se por sucessivos deslocamentos a partir de outros tipos situados em outras práticas e estratos discursivos – como os monstros, os masturbadores e os incorrigíveis ( p. 116)

Referindo-me as pessoas que possuem Necessidades Especiais Educativas (NEE), vemos que o próprio nome já define o quão o poder quer mostrar algum valor, a maneira de atuar e os modos de ensinar, e sem dúvida alguma forçar um resultado positivo. No entanto, levando em conta o que se pode verificar na prática, podemos concluir que o vocabulário é o que mais os preocupa, pelo fato de ter sido mudado inúmeras vezes. Agora, eu me pergunto: “Por que essa nomenclatura não é posta em prática?”, pois atualmente, crianças com NEE estão sendo incluídas em escolas com ensino regular. Resumindo matematicamente: é como constatar que para o poder, há mais praticidade em construir um gráfico de uma função linear do que ter que encontrar mais de uma raiz e dar a volta por cima dos problemas. Conforme vemos no texto “Incluir para excluir” de Veiga-Neto:

[...] não bastam vontade política e competência técnica (para lidar com o anormal) para que se implemente com sucesso a inclusão. Se não forem levadas em conta a variada tipologia da anormalidade e a sua própria gênese, ou se não se conhecer, como disse Skliar (1999, p.26), “qual é a política de significados e as representações que se produzem e reproduzem nessa proposta”, ou em qualquer outra proposta, não apenas as dificuldades serão enormes como, pior, poderemos estar levando a questão para um rumo diferente, ou até oposto, daquele que tínhamos pensado. (2001, p.5)

Ou seja, não basta haver apenas a intenção de melhorias e sim como ela deve ser planejada. Toda essa situação confunde tantos os educadores e funcionários das escolas quanto os próprios alvos que estão passando por isso. Se for atrás daquilo que realmente é certo e/ou buscar explicações, as responsabilidades dos criadores superiores são passadas como um telefone sem fio, justamente por não ter o que dizer. Analisando, digo que tudo poderia ser resolvido se houvesse investimento em escolas para educação especial específica

ou então um maior preparo obrigatório na formação de professores em todos os níveis escolares. Conforme dizem as autoras

De modo geral, incluir alunos com necessidades educativas especiais na escola regular significa trabalhar com a diversidade, oportunizar a convivência com outros indivíduos da mesma faixa etária, mas, principalmente, evitar a exclusão e a segregação a que foram submetidos durante tanto tempo. Ao possibilitar maior contato com as demais crianças, a inclusão contribui para o desenvolvimento, assim como para a aprendizagem destas crianças, desfazendo os preconceitos presentes até hoje na sociedade. (LIMA; LUSTOSA, 2009, p.2)

Há outro ponto extremamente importante para o progresso cognitivo de um indivíduo com NEE: Acompanhamento e motivação da família. Nós como educadores não fazemos milagres e não educamos, senão as crianças iriam para escola desde recém-nascidos. A família deve mostrar os caminhos da vida, como superar as mágoas, enfrentar os obstáculos e optar quando de frente a uma bifurcação. Um fato pode-se constatar por meio da observação: somos analiticamente iguais no sentido de que necessitamos de um estímulo tanto social quanto educacional para lidar com tudo o que vier a frente.

É preciso que façamos, de alguma maneira, uma iniciação estimulante para comodidade de educação para todos, lutar para que tudo seja como realmente é e conseqüentemente abrir tomadas de providencias para fins de regularização social. Em concordância com Lopes e Fabris

Queremos registrar que não somos contra a presença de alunos e alunas com deficiência em salas de ensino regular, mas o que temos insistentemente alertado a nossas alunas é que não podemos continuar a fazer de conta que ensinamos em nome de uma inclusão que deve se dar a qualquer custo, mesmo que para isso eu tenha que me deter apenas numa das funções da escola, a socialização. (2012, p.9)

Visando a atual situação que encontramos-nos em todo esse processo de inclusão/exclusão de deficientes em escola regular - pois todos fazem parte desse movimento -, para se ter uma melhor educação, deve-se traçar um plano perpendicular e progredindo com novas retas paralelas a esse plano, ou seja, tomar decisões conforme a necessidade e ter em mente o “ensino aprendizagem” de todos, e não valorar, estatisticamente, os desenhos dos ditos “progressos”.

Incapacidade na ideia de um ser aprendiz não existe e para os que levam a vida como bola em campo, é derrota de um campeonato. Podemos considerar como se fossemos “mensageiros autônomos”, pois nossa consciência, quando bem desenvolvida, pode nos mandar “tarefas” a serem cumpridas para nosso próprio progresso e, da mesma forma que uma criança precisa aprender as letras para produzir um texto, nós precisamos identificar e analisar aquilo que nos é auto-ordenado para pôr em prática. Tudo isso não inclui apenas

aqueles que possuem algum tipo de deficiência neurológica, dita anormalidade, ou seja, mantêm-se a ideia de que também existe certa deficiência psicológica, que muitas vezes pode ser mais intrigante ao encontrar uma solução. Essa ideia é um pouco complexa, mas, de forma íntima, mostra o que realmente estamos enfrentando com intuito de perspectivas solúveis para o devido fim.

Em vista dos membros politicamente sucessores e motoristas de nossa viagem ao até então dito “sucesso”, observa-se uma certa irrelevância do tipo forçar para resultar uma matriz B oposta de A, sendo não apenas os sinais diferentes mas também os seus elementos, com proibição de se multiplicarem com outras matrizes e sem oportunidades de se transformarem numa identidade.

Consideremos, como hipótese, a determinação psicológica e o estudo das diversas razões comensuráveis às situações ideais, contribuintes para a construção de um entendimento comum, valorizando a função de cada elemento e encontrando como tese a periodicidade das tais conclusões submetidas.

## **SOBRE A OBSERVAÇÃO**

O alvo da observação foi uma aluna de uma Escola Municipal, localizada em Gravataí/RS. A criança é portadora da Síndrome de Down, tem 15 anos de idade e está no 4º ano do ensino fundamental. Propus-me a observá-la com o objetivo de conhecer a atualidade inclusiva escolar em que vivemos e pensar/refletir em termos de buscar soluções para o que deve ser reparado.

O grau de sua deficiência é desconhecido pelos educadores da escola, mas pode-se notar que seja um grau bem elevado, pois seus comportamentos são semelhantes a de uma criança de 3 ou 4 anos de idade.

Seu nível de aprendizagem é muito baixo, não acompanha a turma nos conteúdos propostos e não tem sequer um estímulo da família para os estudos. Segundo sua professora, a criança é de uma família com boas condições financeiras, o que facilitaria para se obter um ensino mais eficiente e com atenção específica para tal situação. Como característica de pessoas com Síndrome de Down, a aluna é muito ansiosa e tem compulsão por alimentos, sempre leva dinheiro para escola recebido de seus pais, o que poderia gerar não apenas uma alimentação inadequada, mas também a falta de educação.

Apesar de a criança não ter o mesmo ritmo da turma no que diz respeito ao ensino-aprendizagem, ela possui algumas noções, como, por exemplo, nas aulas de matemática. É dado listas de exercícios e ela apenas reconhece e a preenche com números e letras aleatórios, conforme podemos ver na figura 1.

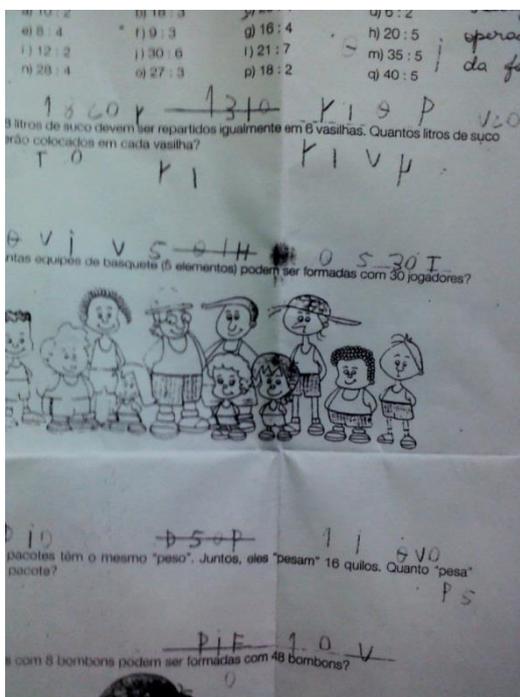


Figura 1: Trabalho de Matemática onde os alunos deviam responder questões de multiplicação e divisão.

Além desses conhecimentos, a criança gosta de colorir sem se importar, novamente, com a significação da atividade e com seus comandos, conforme mostram as figuras 2 e 3, fotografias da atividade da aluna.



Figura 2: Atividade de relacionar os animais com seus respectivos donos estereotipados.



Figura 3: Coordenada Surpresa. Os alunos deviam colorir seguindo as coordenadas resultando em um desenho folclórico.

A criança no pátio gosta de brincar com a corda e com alguns outros brinquedos que a escola possui. Apesar de não haver muito envolvimento com seus colegas, procura estar sempre junto deles, sendo que estes que se preocupam quando ela não está por perto.

Ela é uma adolescente muito vaidosa, está sempre com as unhas pintadas, cabelo arrumado, roupa limpa. Além disso, tem alguns pensamentos e noções como qualquer outra adolescente.

Pude notar também que não há muito contato entre a professora e a criança, mas tem-se grande preocupação com a situação e a vontade de mostrar discursivamente cada vez mais os caminhos do crescimento. Nas aulas de matemática, como qualquer outra disciplina, não há cobrança em relação às atividades realizadas pela aluna, é como se a adolescente estivesse ali apenas por estar, e não pelo fato de aprender algo, pois para isso é necessário que o educador seja capacitado para tal fim. Pode-se perceber, desta forma, que está acontecendo uma inclusão social, mas não cognitiva. Pois não há o devido ensino que foi estipulado pelo poder e sua deficiência, para muitos “imatuross irrealistas”, a julga inconfortavelmente com a falta de capacidade. Pérez (2007, p.40) nos diz que:

[...] as inteligências não são objetos que se possam contabilizar, mas potenciais que poderão ser ativados ou não, segundo o contexto sócio-cultural de cada indivíduo, na qual as oportunidades oferecidas a estes indivíduos, os valores e as decisões pessoais de seus cuidadores cumpram um papel fundamental na ativação desses potenciais.

No segundo dia da observação, no intervalo, os alunos pediram minha permissão para brincar no pátio que há ao lado da escola, este ainda pertencente a ela. Disse

que deviam falar com a professora, mas precisava ver/sentir as reações dos alunos quando junto da colega com necessidades educativas especiais, por isso liberei. Era um gramado bem conservado, onde em um canto os alunos tratam de uma horta. Todos entraram em um buraco que havia na cerca de arame farpado dirigindo-se para o local. Nesse ponto, ideias distintas se presenciaram através daquela cena relacionada a praticidade da Matemática. Por exemplo, um círculo de diâmetro  $X$ , contando que eu até passaria por ele, mas teria de me arranhar com os arames soltos, assim também verifiquei que poderia imaginar um círculo inscrito e fazer o cálculo da área de uma coroa circular. Mas, de acordo com alguns cálculos mentais feitos na hora, não creio que teria chance. Após isso, quando os alunos já se encontravam na área, pude notar que a protagonista dessa observação procurava ao redor uma maneira de sair da escola. Os educadores relataram que ela é muito curiosa, quer saber o que acontece em certos lugares, o que existe e para onde vai. Segundo relatos da professora, a criança conseguiu fugir algumas vezes, mas logo foi encontrada e a mesma dizia estar indo para casa, apenas sabendo o sentido, mas não exatamente como chegar lá.

Foi comentado também que já houve a intenção dos educadores em fazer uma denúncia ao conselho tutelar, por não haver auxílio necessário para sua educação por parte dos familiares que não a incentivam para os estudos e não lhe concedem um ensino apropriado, além do fato de pensarem que se uma criança com necessidades educativas pode ser incluída em uma escola regular, ela deve ser tratada como qualquer outro aluno, tendo direitos, mas também deveres, conforme Declaração de Salamanca (OREALC, 1994)

Tive a intenção de fazer alguma atividade com a turma que pudesse incluir a criança em questão, porém ela sequer participa das atividades propostas normalmente em sala de aula, e ainda não pude conquistar sua atenção. Como dito anteriormente, mesmo não tendo muito contato direto com seus colegas, esses a ajudam quando a professora pede para fazer algo, como por exemplo, colar uma folha em seu caderno, e não em realizar uma atividade. Nesse ponto temos uma prova de que a professora tem apenas a intenção de ajudar, mas não quer se envolver.

Na escola, existem mais alunos deficientes, mas essa adolescente é a que possui uma maior dificuldade mental em relação ao reconhecimento das atividades educacionais e que, conseqüentemente, prejudica na sua aprendizagem, pelo fato de não haver insistência da família para o seu progresso cognitivo.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As crianças são seres com curiosidade ampla, e nós como educadores, devemos enxergar as vantagens dessa exploração. Pois é nessas situações que se adquire experiência, atitude e, principalmente, o combate ao medo de enfrentar os obstáculos da vida.

Podemos dizer, nos casos vistos, que a motivação é derivada do estímulo e/ou incentivo. Para qualquer situação, tomada de decisão, seja ela qual for, é preciso de um motivo, senão procura-se como que um valor “x” para resolução de uma equação qualquer. A sociedade hoje em dia deve agir em conjunto e de coração e não simplesmente por fazer sem a mínima intenção de atitude.

Temos que nos conscientizar de que nascemos como devíamos ser. O quadrado com lados iguais e o retângulo com dois lados opostos congruentes, mesmo assim ambos pertencem à mesma família, a dos quadriláteros. A diferença do deficiente para o não deficiente é a mesma que de gostos musicais, leituras, enfim, todos temos um cérebro que pode ser orientado para enriquecer-se de conhecimento. Assim como a comparação entre números complexos e reais: os números complexos contêm os números reais, dessa maneira, todo real é complexo, mas nem todo complexo é real, assim são intercessores entre si. No entanto, existem os casos que tem que insistir um pouco mais, mas ainda sim é possível ir muito longe.

A escola pode ser um ambiente favorável para o início de uma conscientização da sociedade, pois muitas vezes, é vendo nela que agimos na prática. Analisando tudo o que foi visto nessa observação, muitos estão preocupados com a situação, mas nesse caso, devemos apenas fazer o nosso papel como professores e não sofrer pelo que não somos responsáveis.

“Incansavelmente, estudemos melhor a passagem do conhecimento do mundo para essas crianças com dificuldades educacionais. É preciso lembrar-se que, apesar de tudo, toda atividade exercida busca conhecimento, esse servente como combustível organizacional das ideias abrigadas na caixa neurológica.” LEÃO, Fábio.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LIMA, M.R.S; LUSTOSA, A.V.M.F.. **Inclusão de alunos com altas habilidades/superdotação nas escolas regulares:** uma discussão necessária no cenário educacional. GT20: 2009. Disponível em

<[http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.20/03\\_M%C3%A1rcia%20Raika.pdf](http://www.ufpi.edu.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2009/GT.20/03_M%C3%A1rcia%20Raika.pdf)> Acesso em Set. 2012.

LOPES, M. C.; FABRIS, E. H. **Quando o “estar junto” transforma-se em uma estratégia perversa de exclusão.** UNISINOS, São Leopoldo. Disponível em <http://www.rizoma.ufsc.br/html/911-of3-st3.htm> .(Acesso em Jul. 2012>.

OREALC/UNESCO. **Declaração De Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais.** Brasília: CORDE, 1994.

VEIGA-NETO, A. **Incluir para excluir.** In.: LARROSA, J; SKLIAR, C. Habitantes de Babel: políticas e poéticas da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p.105-118.

PÉREZ, S. G. P. B. **Assincronismo, precocidades e mitos:** três razões para entender a identidade do aluno com altas habilidades. In: Curso de altas habilidades/superdotação. Piauí, 2007.